

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Herdamos

Duzentos anos depois da Independência, o Rio de Janeiro continua falando português não apenas na língua, mas nos gestos invisíveis que sustentam a cidade. Há heranças que permanecem tão incorporadas ao cotidiano que já não percebemos de onde vieram. Estão no cheiro do café forte servido em balcões antigos, no azulejo azul escondido em uma fachada da Saúde, no sino que toca ao fim da tarde em alguma igreja barroca esquecida entre prédios modernos. O Rio pode ter aprendido a sambar sozinho, mas ainda guarda, no fundo da alma, o sotaque melancólico de Lisboa.

Basta caminhar pelo Centro para perceber isso. As ruas estreitas da região portuária, os sobrados coloniais sobrevivendo entre arranha-céus cansados, as sacadas de ferro trabalhado, os conventos silenciosos — tudo parece carregado de uma memória portuguesa que resiste ao tempo e às demolições. Em certos trechos da cidade, especialmente quando a luz do fim da tarde bate amarelada sobre as pedras antigas, o Rio se parece menos com uma metrópole tropical e mais com uma velha cidade atlântica transplantada para o outro lado do oceano.

Os portugueses deixaram mais do que prédios; deixaram hábitos.

O carioca talvez não perceba que herdou deles o gosto pela conversa longa em mesas de bar, esse costume de transformar cafés em extensão da sala de casa. Herdou também uma certa saudade sem nome, uma melancolia discreta que aparece até nos momentos felizes. O português trouxe na bagagem essa estranha capacidade de rir enquanto lamenta e lamentar enquanto celebra — e o Rio aprendeu rápido.

Na culinária, então, a presença portuguesa é quase diária. O arroz com bacalhau nas sextas-feiras, os bolinhos dourados nas vitrines das padarias, os pastéis de nata servidos agora como moda gourmet, o caldo verde em noites frias que o carioca insiste em considerar inverno. Até a obsessão pelo pão fresco da manhã parece uma continuação direta das antigas padarias lusitanas onde fregueses discutiam política, futebol e tragédias marítimas.

O curioso é que o Rio abraçou Portugal ao mesmo tempo em que foi moldado por ele. A feijoada ganhou temperos locais, os doces ficaram mais exagerados, a linguagem mais musical. O encontro entre o rigor português e a improvisação tropical produziu uma cidade contraditória: disciplinada nos traços coloniais, caótica na alma.

Na religiosidade, talvez esteja uma das marcas mais profundas dessa herança. As igrejas espalhadas pela cidade — da Candelária ao Mosteiro de São Bento — não são apenas monumentos; são testemunhos de um Rio moldado sob procissões, promessas e sinos. O catolicismo português construiu não apenas templos, mas maneiras de viver o sagrado. Até hoje, festas populares misturam fé e celebração como faziam os antigos colonizadores. O carioca acende vela e vai à praia no mesmo dia, reza e samba com naturalidade absoluta.

Mas há também heranças menos nobres.

Os portugueses trouxeram desigualdades urbanas que a cidade jamais conseguiu resolver completamente. O Rio nasceu dividido entre morro e asfalto antes mesmo desses nomes existirem. Vieram com eles as hierarquias rígidas, os privilégios de poucos, a ocupação desordenada feita sem imaginar o futuro. A cidade bela também foi construída sobre exclusões persistentes.

Ainda assim, seria impossível compreender o Rio sem Portugal. O Rio fala alto, improvisa, cria, mistura — mas guarda em sua arquitetura, nos hábitos cotidianos e até na forma de olhar o mar uma nostalgia tipicamente portuguesa. Talvez por isso os cariocas tenham essa relação tão íntima com o horizonte: foram descendentes de navegadores, afinal, mesmo sem perceber.

Duzentos anos depois da Independência, o Brasil tornou-se outra coisa, reinventou-se inúmeras vezes. Mas o Rio continua carregando marcas daquele velho país espremido entre o Atlântico e a saudade. E talvez a maior herança portuguesa seja justamente essa: a capacidade de transformar memória em paisagem e melancolia em beleza.

Porque poucas cidades no mundo conseguem ser tão festivas e tão nostálgicas ao mesmo tempo quanto o Rio de Janeiro. E isso, no fundo, talvez seja a mais portuguesa de todas as características cariocas.

